



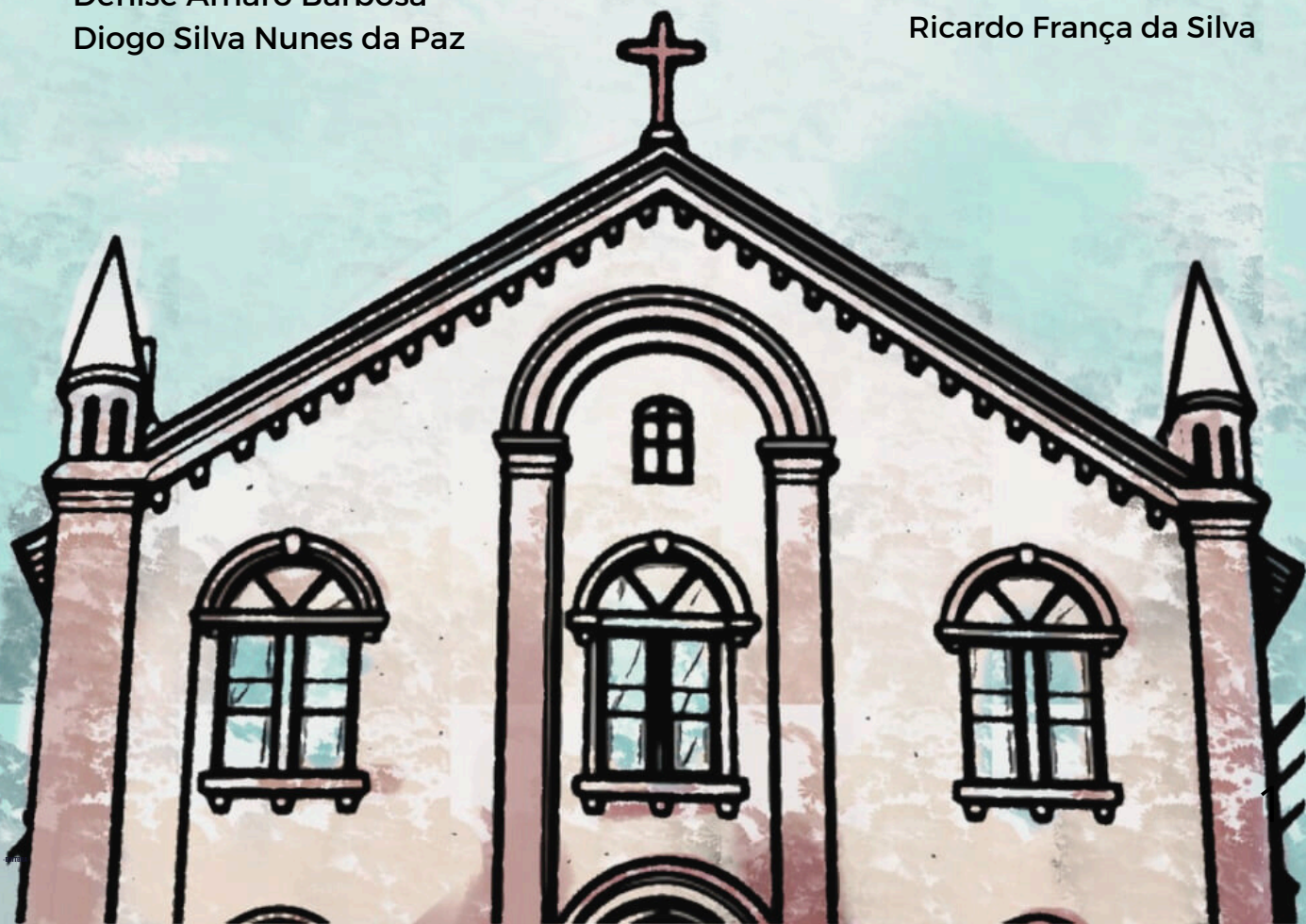
CARTILHA CANGULEIRA

Um guia para a narrativa *Cabra das Rocas*, de
Homero Homem

Autores:

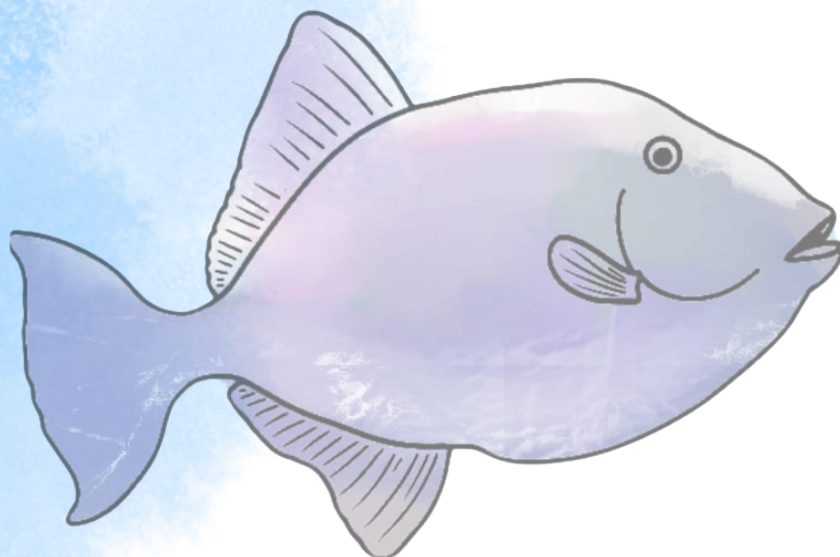
Alessandra Souza dos Santos
Breno Douglas da Silva
Carlos Alberto Laurentino da Silva
Cyntia Gabryelle Lima da Silva
Denise Amaro Barbosa
Diogo Silva Nunes da Paz

Israel Rodrigues da Silva
Jennifer Katarina Miranda da Silva
Marcel Lúcio Matias Ribeiro
Maria Suely Teixeira de Souza Medeiros
Rebecca Caroline Ribeiro Fernandes
Ricardo França da Silva



CARTILHA CANGULEIRA

Um guia para a narrativa *Cabra das Rocas*, de
Homero Homem



FICHA TÉCNICA

Pesquisa e roteiro:

Marília Santos de França Barros

Ricardo França da Silva

Carlos Alberto Laurentino da Silva

Design:

Cynthia Gabryelle Lima da Silva

Denise Amaro Barbosa

Breno Douglas da Silva

Jennifer Katarina Miranda da Silva

Ilustrações:

Jennifer Katarina Miranda da Silva

Editorial:

Maria Suely Teixeira de Souza Medeiros

Marcel Lúcio Matias Ribeiro

Revisão e aprovação:

Marcel Lúcio Matias Ribeiro

Divulgação e distribuição:

Rebecca Caroline Ribeiro Fernandes

Israel Rodrigues da Silva

Diogo Silva Nunes da Paz

Alessandra Souza dos Santos



FICHA CATALOGRÁFICA

C327. Cartilha Canguleira: um guia para a narrativa Cabra das Rocas, de Homero Homem [folheto eletrônico] / organizado por Marcel Lúcio Matias Ribeiro.
Dados eletrônicos. - Natal: Editora Bradamante, 2025. 26p. :il; PDF

Bibliografia.
ISBN: 978-65--01-80801-7

1. História - Rio Grande do Norte. 2. Natal - Logradouros - História.
3. Bairro das Rocas - Natal/ RN. I. Ribeiro, Marcel Lúcio Matias. II. Santos, Alessandra Souza dos. III. Silva, Breno Douglas da. IV. Silva, Carlos Alberto Laurentino da. V. Silva, Cynthia Gabryelle Lima da. VI. Barbosa, Denise. Amaro. VII. Paz, Diogo Silva Nunes da. VIII. Silva, Israel Rodrigues da. IX. Silva, Jennifer Katarina Miranda da. X. Medeiros, Maria Suely Teixeira de Souza. XI. Fernandes, Rebecca Caroline Ribeiro. XII. Silva, Ricardo França da. XII. Título

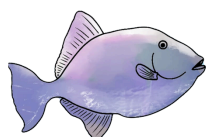
IFRN/SIBi.

CDU 94(813.2)

Divisão de serviços técnicos
Catalogação da publicação na fonte elaborada pela Bibliotecária
Iara Celly Gomes da Silva - CRB - 15/315

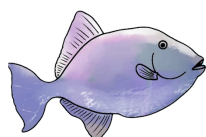
SUMÁRIO

Apresentação	07
Bairro das Rocas	09
Rocas da Frente	10
Rocas de Dentro (Rocas de Cima)	11
Canguleiros	12
Escola Estadual Isabel Gondim	13
Rua Expedicionário José Varela	14
Feira das Rocas	15
Igreja da Sagrada Família	16
Farmácia do Seu Geraldo	17
Rua São Jorge	18
Cinema Panorama	19
Canto do Mangue	20
Complexo Cultural Rampa	21
Segunda de Vagabundo (Samba das Rocas)	22
IFRN Campus Natal Centro Histórico (Rotunda)	23
Palmeiras x Racing	24
Referências	25



“Você saiu à sua mãe, foi feito para ficar em terra. Está-me pedindo conselho, leio em seus olhos; mas não sei o que diga, não.”

Homero Homem



APRESENTAÇÃO

UM BAIRRO, UM ROMANCE E UMA CARTILHA

O bairro das Rocas, em Natal/RN, é um lugar de memórias: existem diversas narrativas orais que contam a história de seu povo e de sua constituição geográfica.

É um dos primeiros bairros da capital potiguar, ocupado, desde suas origens, pelo proletariado: pescadores, ferroviários, comerciantes e sindicalistas.

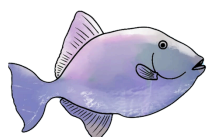
Para contar um pouco da história e das histórias do bairro das Rocas, surgiu, em 1966, a narrativa literária *Cabra das Rocas*, de Homero Homem.

Nos anos 70, o romance *Cabra das Rocas* foi incorporado à coleção *Vagalume*, a coleção de paradidáticos mais importante do País, e, por isso, o texto de Homero Homem formou gerações de leitores de norte a sul do Brasil, tornando-se o texto mais lido da literatura potiguar.

No enredo de *Cabra das Rocas*, o bairro, já identificado no próprio título da obra, ocupa posição determinante para os personagens e para a ação narrativa, por assim, ocorre um processo bem interessante no qual o bairro (espaço onde ocorre o enredo) pode ser entendido também como personagem da narrativa.

Desse modo, considerando o processo sofisticado de criação literária adotado por Homem, no qual ele “brinca” com os elementos da narrativa, espaço e personagem, para uma compreensão mais ampla da obra, é interessante conhecermos o bairro das Rocas.

A partir dessa constatação, quando utilizamos a referida narrativa nas turmas do IFRN Campus Natal Centro Histórico, situado nas Rocas, fazemos um percurso com os estudantes pelo bairro, a fim de visitarmos lugares citados pelo texto de Homem.



Continuando o trabalho em sala de aula, na disciplina Iniciação à literatura do RN, ofertada aos cursos superiores de produção cultural e de gestão desportiva e de lazer, no semestre 2024.2, tivemos a ideia de produzir um produto a partir de Cabra das Rocas.

Debatemos com os estudantes qual seria o melhor produto e decidimos por construir uma cartilha informando sobre os espaços do bairro apresentados no romance de Homem.

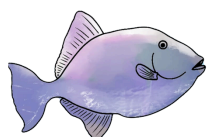
Assim, surgiu a ideia de elaborarmos uma cartilha: **a Cartilha Canguleira!**

A Cartilha Canguleira tem a finalidade de auxiliar estudantes e docentes na aula de campo pelo bairro das Rocas, trazendo conteúdo sobre espaços que fazem parte do romance e do percurso.

Além disso, a cartilha pode possibilitar aos leitores de outros estados do País que não conhecem o bairro informações sobre o lugar tão importante no texto de Homem, possibilitando uma leitura mais abrangente da obra.

Esperamos que a cartilha cumpra suas finalidades didáticas, que contribua para difusão da literatura potiguar e que proporcione uma valorização do bairro das Rocas, lugar de memórias, de luta da classe trabalhadora e de cultura.

Marcel Lúcio Matias Ribeiro
Professor de literatura do IFRN Campus Natal Centro Histórico



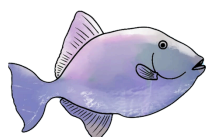


BAIRRO DAS ROCAS

Localizado na Zona Leste da cidade do Natal, o bairro das Rocas surgiu como uma moradia de pescadores com o nome de “Limpa” no ano de 1769. Passando para sua denominação atual, posteriormente, em referência ao Atol das Rocas, à época região pesqueira. A margem do Rio Potengi era um alagado pelas águas do rio-mar, de onde provinha grande parte da subsistência da comunidade do local, possibilitando a existência e a sobrevivência em meio à inospitalidade do lugar.

Seus primeiros moradores foram pescadores e imigrantes vindos dos exterior, portuários, ferroviários e trabalhadores das repartições e do comércio da Ribeira. Sua expansão e melhorias ocorreram com a construção do porto, instalação da central de trem e as edificações feitas na cidade pela entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Berço cultural e reduto do samba em Natal, o bairro, oficializado em 1947, tem o sincretismo cultural e religioso como fator de pertencimento e de identidade, transformados em orgulho dos moradores do lugar que o torna um espaço de resistência e preservação das suas histórias e tradições.



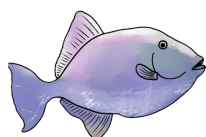


ROCAS DA FRENTE

Deixado propositalmente à margem do desenvolvimento da cidade, o alagado teve várias denominações ao longo do tempo, como “Limpa”, “Montagem”, “Dunas” e “Areal”. Já como uma comunidade reconhecida no plano de urbanização da cidade também recebeu o nome das Rocas de Frente.

No mapa da cidade, o bairro das Rocas era considerado uma extensão da Ribeira, mas no final do século XIX, com a expansão do porto e a instalação da estação ferroviária, o poder público foi obrigado a fazer melhorias e reconhecer a comunidade separando-a da Ribeira. Com isso, a Esplanada Silva Jardim e a rua Almino Afonso passaram a limitar o final da Ribeira. Assim, as ocupações que se seguiam margeando estes logradouros em direção ao norte, passaram a serem denominados de Rocas de Frente.

A partir do início do século XX, as Rocas de Frente passaram a ser representadas, pela vila ferroviária, construída para abrigar os trabalhadores ferroviários entre a Rua das Donzelas e a Rua Pereira Simões.



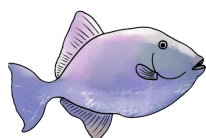


ROCAS DE DENTRO (ROCAS DE CIMA)

Circundada pelo Rio Potengi e pelo mar do Atlântico, o espaço denominado “Limpa” tem sua topografia formada por áreas de mangue, vegetação litorânea, grandes dunas e áreas alagadas, oriunda do movimento das marés. A sua habitação então se dá pela adequação às condições do solo e às intempéries do tempo. Foram com essas dificuldades que os primeiros moradores ocuparam as partes altas das dunas e morros para fazerem surgir as Rocas de Cima.

Enfrentando a arenosidade das dunas e morros, seus habitantes foram construindo casebres feitos de taipa e palhas de coqueiro, por uma extensão de terra que partia das proximidades da praia da Montagem até chegar as dunas do Areal. Na parte central das Rocas de Cima, sobre uma colina, foi erguida a Igreja da Sagrada Família e no período da segunda guerra, foi instalado um gasoduto para transporte de combustível até a base de Parnamirim.

Tendo à frente a imponente escada decorada com mosaicos que levam à histórica Igreja da Sagrada Família, essa parte de cima do bairro representa a força, a fé e a obstinação do povo das Rocas.

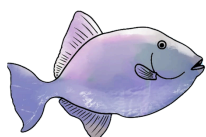
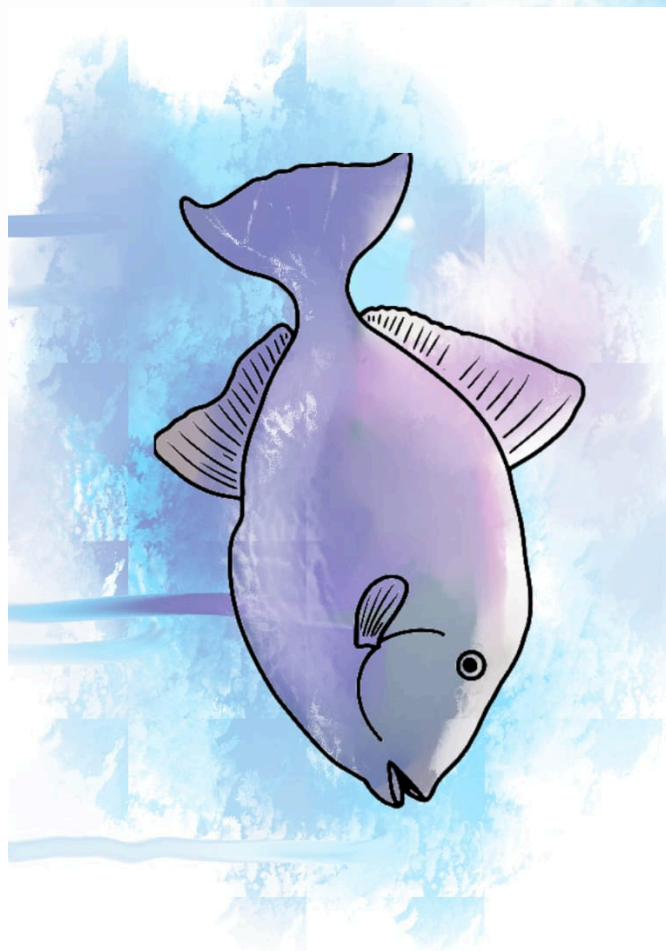


CANGULEIROS

Alcunha dos moradores das Rocas, dada de forma depreciativa, pelos residentes do bairro da Cidade Alta, por ser o peixe cangulo, de baixo valor econômico, comedor de impurezas e prato de resistência dos moradores das Rocas. Como revide, os moradores das Rocas passaram a apelidar os moradores da parte alta da cidade de xarias, comedor de xaréu, peixe de carne branca, macia e succulenta e alimentação dos habitantes da Cidade Alta.

O cangulo simbolizava toda a miséria dos moradores das Rocas, que sobreviviam em condições precárias, em meio ao mangue e à lama, tendo como característica para essa região, um constante fedor, que provocava mal-estar em quem não era do lugar, que passava a sofrer todos os tipos de xingamentos, pequenas agressões e expulsões. O encontro entre os xarias e canguleiros ocasionou violentas brigas, que chegavam até a morte de seus oponentes.

Ser canguleiro é motivo de pertencimento e de orgulho para os moradores das Rocas, pois representa e lembra todas as suas lutas para existir e sua ancestralidade. É transformar as adversidades impostas pelas desigualdades sociais em luta por uma vida melhor, com resistência e amor pelo seu lugar.

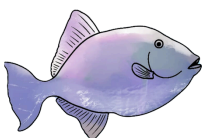


ESCOLA ESTADUAL ISABEL GONDIM

Segunda mais antiga instituição de ensino do Rio Grande do Norte, foi fundada em 1935, no bairro das Rocas pelo interventor Mário Câmara como grupo escolar e seu nome vem da homenagem à poeta e educadora Isabel Gondim. Esta escola tem um importante papel no desenvolvimento social e educacional dos moradores do bairro das Rocas.

Localizada na entrada do bairro, a Escola Isabel Gondim tem sua história entrelaçada com a trajetória de vida e de dedicação à educação do professor Acrísio Freire, que com 30 anos de trabalho nesta instituição, em que foi professor e diretor, acreditava na importância da educação primária para a formação e instrução das pessoas. Seu legado ainda está presente na determinação dos docentes e alunos que mantêm a escola como um farol que ilumina o caminho do saber aos moradores do bairro.

Por suas salas e corredores passaram canguleiros que, por meio da educação, ousaram desafiar o destino traçado e imposto pela elite dominante e que galgaram importantes cargos, empregos e funções públicas e privadas, muitos contribuindo para o desenvolvimento da comunidade das Rocas.



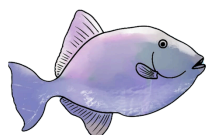


RUA EXPEDICIONÁRIO JOSÉ VARELA

Em homenagem ao pracinha José Varela, morto em ação na Segunda Guerra Mundial atingido por uma rajada de metralhadora, ao tentar salvar seus companheiros de combate. Tem importância comercial, histórica e cultural para o bairro das Rocas. principal via de ligação para quem vem da Ribeira e busca adentrar o bairro em direção as suas ruas, becos e vielas.

Inicialmente chamada de Paraense, foi a primeira rua calçada, como também o principal local de instalação do comércio e de pequenas fábricas, no processo de urbanização do bairro. lojas de tecidos, armazéns de alimentos, padarias, fábricas de óleo e sabão, farmácias, unidade de formação, cinema e sede de sindicato.

Era espaço para desfiles cívicos, passagem de blocos, troças e escolas de samba. A Rua Expedicionário José Varela deixou para trás a sua importância comercial, passando a ser um logradouro residencial, mas ainda mantém viva a história de Natal, com a fachada da residência nº 27, que lembra a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e o heroísmo de um canguleiro ilustre.



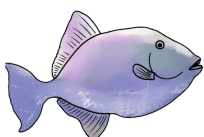


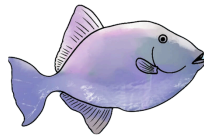
FEIRA DAS ROCAS

Com a criação de decretos e leis no início do século XX pelo poder público, incentivando a instalação da indústria alimentícia no Rio Grande do Norte, trazendo para o estado a fabricação e comercialização de diversos produtos, foram criadas para a venda destes produtos, as primeiras feiras livres de Natal.

A terceira feira implantada em 1928 foi a feira das Rocas. Instalada nas Rocas da Frente, era importante área para escoamento e venda de produtos alimentícios, frutas e verduras, peixes e crustáceos, utensílios para o lar, vestuário e serviços diversos. Sua extensão ocupava além do pátio da feira, as ruas São Pedro, Santo Inácio e Expedicionário José Varela, atendendo a população de Natal e de municípios vizinhos.

Com a modernização da indústria dos alimentos e novas formas de venda, a feira das Rocas diminuiu sua importância comercial e de espaço físico, se restringindo ao pátio da feira com a Rua São Pedro. Mas mantém a tradição de todas as segundas-feiras trazer para o bairro das Rocas um amanhecer diferente que já ultrapassa um século de existência.





IGREJA DA SAGRADA FAMÍLIA

Erguida ao final da ladeira da rua São Jorge em 1925, a Igreja da Sagrada Família foi construída pelo padre polonês Theodoro Cohher, dentre outras construções realizadas pela parceria entre a igreja católica e o poder público, como melhorias de infraestrutura, espaços e serviços públicos para o bairro das Rocas. A igreja tem relevância religiosa e cultural para os seus moradores.

Testemunhas seculares de todas as mudanças ocorridas no bairro das Rocas, seus párocos exerciam importante influência religiosa, social, política e educacional. Com intensa atuação nas lutas sociais da comunidade pobre das Rocas em busca de melhorias junto ao poder público, também implantou uma escola de alfabetização e espaço de acolhimento para idosos.

Alçada em 1980 a condição de paróquia, tem seu campo de atuação abrangendo os bairros de Santos Reis e Brasília Teimosa. Mantém viva as tradições das festas e ritos católicos, como a festa da Sagrada Família e a procissão do Corpus Christi pelos ruas do bairro. Continua do alto da colina a abençoar e dar força e fé a luta diária de todos os canguleiros.



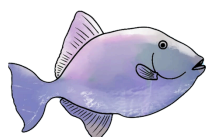


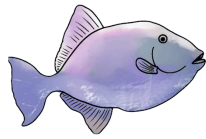
FARMÁCIA DO SEU GERALDO

Conforme apresentada na narrativa *Cabra das Rocas*, situada na Rua São Jorge, colada à Igreja da Sagrada Família, a farmácia do Seu Geraldo é um local em que a população do bairro das Rocas se dirigia em busca da cura para as suas doenças, da solução para suas mazelas, de conselhos para sua vida e de educação e saber.

O farmacêutico Seu Geraldo foi o principal mentor para que o personagem Joãozinho alcançasse o seu sonho de passar no exame de admissão e estudar no inalcançável para o povo das Rocas, Colégio Atheneu Norte-Rio-Grandense, frequentado apenas pelos xarias.

Seu Geraldo, com a sua bondade e com o seu conhecimento, é um personagem singular na narrativa *Cabra das Rocas*, atuando como uma espécie de Dom Quixote: em parte, incompreendido pelo seu jeito de ser, mas respeitado por todos.



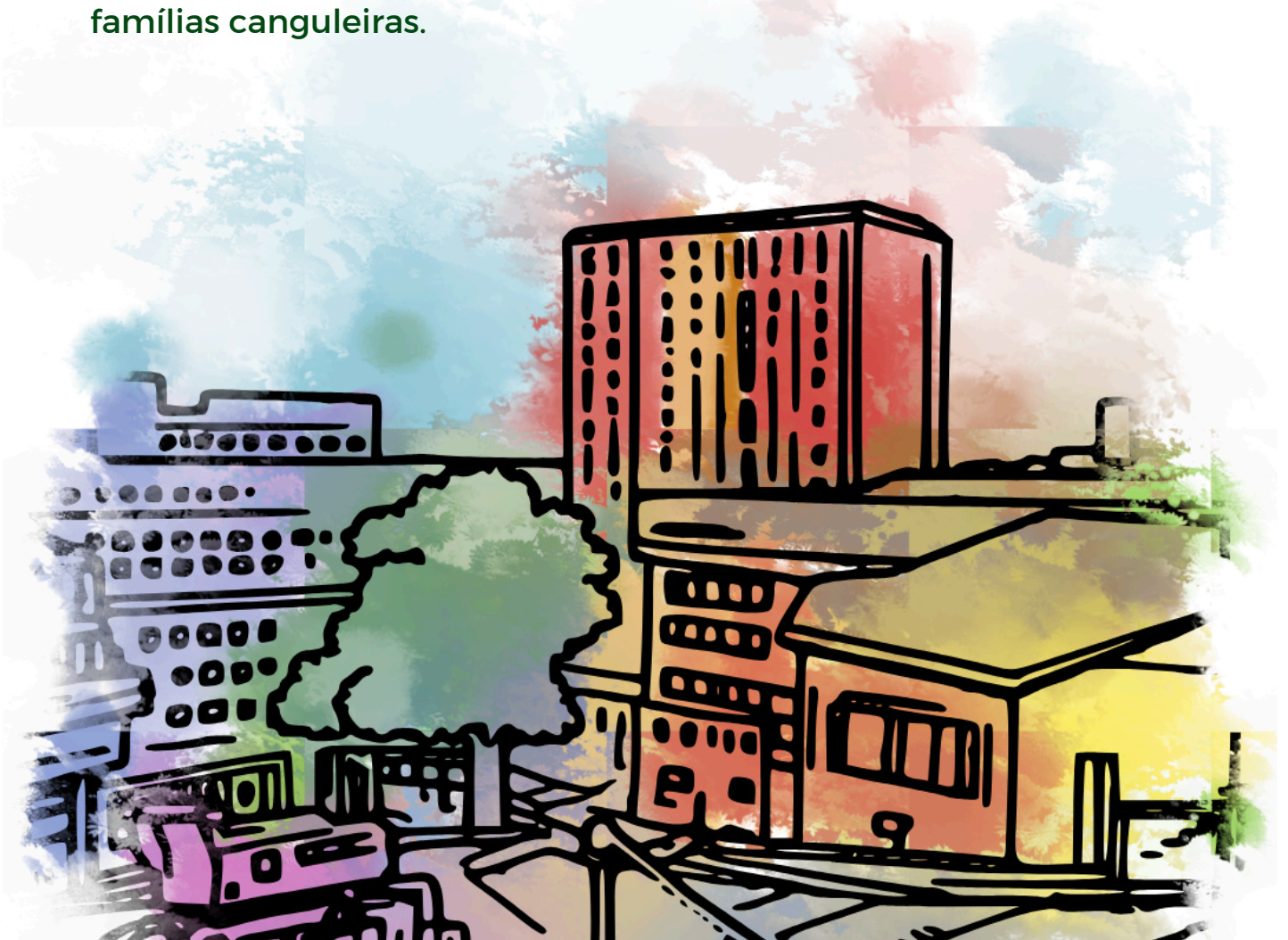


RUA SÃO JORGE

Lugar de moradia do personagem Joãozinho no livro *Cabra das Rocas*, a Rua São Jorge, segundo o protagonista era considerada pelos seus moradores a principal do bairro, por ter na sua elevação a Igreja da Sagrada Família. Essa elevação também proporcionava ver todo o movimento das Rocas de Baixo: das barcaças e da sua feira.

Era descrita no livro como uma inclinação de nesga de terra solta. A Rua São Jorge abrigou a Escola Padre Frederico Pastors, importante estabelecimento de ensino primário; tem a sede do Clube de Futebol Palmeiras das Rocas, considerado o maior clube de futebol amador de Natal, e ao seu lado funcionou por um bom tempo, um reduto da boemia e encontro de amigos da comunidade, o Bar de Dedé.

Sua ladeira íngreme, desafio para os motoristas e pedestres, ainda é a principal via de acesso para as ruas situadas na parte alta do bairro de áreas predominantemente residenciais, de gerações de famílias canguleiras.



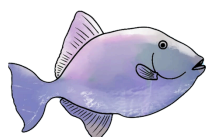


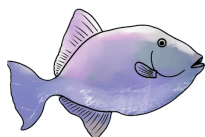
CINEMA PANORAMA

No início do século XX, nos galpões da Rua Chile, na Ribeira, foram exibidos os primeiros filmes em Natal. Logo depois em 1911, no mesmo bairro, foi inaugurado o primeiro cinema da cidade, o Cine Pholiteama, que passou a ser uma novidade e opção de lazer para as famílias e pessoas de diversos setores da sociedade. Daí em diante, por décadas, ocorreu a proliferação de cinemas de rua, que atingiram os vários bairros da cidade. No bairro das Rocas, em 1967, surgiu na Rua São João, o Cinema Panorama, do grupo de Luís de Barros.

O Cinema Panorama foi a última construção de cinema de rua em Natal. Foi um dos últimos cinemas de rua a encerrar suas atividades em meados da década de 90, quando exibia pornochanchadas e filmes eróticos para sua sobrevivência.

Após o fechamento do cinema, o prédio passou a ser usado como uma igreja evangélica, que preservou a sua estrutura original. Recentemente, o prédio foi adquirido pelo Governo do Estado e tem a proposta de ser revitalizado e devolvido para a comunidade como um moderno cinema de rua.





CANTO DO MANGUE

Entre o bairro das Rocas e o de Santos Reis, após o estuário do Rio Potengi, se encontra o Canto do Mangue, próximo ao porto de Natal. Seu surgimento data do século XVI e consta que foi palco do desembarque dos portugueses chefiados por Mascarenhas Homem para darem início à construção do Forte dos Reis Magos. Anteriormente, era denominado Canto das Jangadas.

Sendo o início da cidade, de lento desenvolvimento, cercada por morros e dunas, sem ligações rodoviárias com outras cidades, com o armazenamento de alimentos quase inexistente, o Canto do Mangue era a entrada para o abastecimento de alimentos. Ligação para o litoral norte, na segunda metade do século XX, foi reduto da boemia, da boa culinária e encontro de artistas, com o Bar do Pernambuco sendo uma representação dessa fase.

Espaço de resistência para os pescadores, representa, para a memória da cidade, a sua importância para o crescimento econômico e social de Natal.

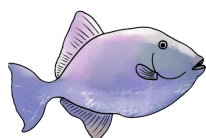


COMPLEXO CULTURAL RAMPA

Local para o recebimento de hidroaviões que pousavam na foz do Rio Potengi, a Rampa foi criada em 1930, era o ponto de embarque de passageiros e transportes, e onde atuavam algumas empresas aéreas. Teve sua modernização realizada pelos Estados Unidos, em decorrência da sua utilização como ponto de apoio durante a Segunda Guerra Mundial.

A Rampa foi palco de um acontecimento histórico mundial, conhecido como a Conferência do Potengi, que foi um encontro entre o então presidente dos Estados Unidos, Franklin D. Roosevelt, e o presidente do Brasil na época, Getúlio Vargas, que selou a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e transformou Natal num importante ponto de apoio para os aliados.

A partir do ano de 2023, a Rampa passou a ser um Complexo Cultural que abriga exposições e eventos diversos. Dentre as exposições permanentes do espaço, há a história da participação de Natal na Segunda Guerra Mundial e a viagem numa embarcação à remo feita de Natal ao Rio de Janeiro realizada por natalenses, no início da década de 50. É um lugar de memória, espaço histórico e de arte.



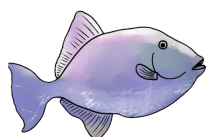


SEGUNDA DE VAGABUNDO (SAMBA DAS ROCAS)

De um encontro de sambistas, que tinham na segunda-feira, o seu dia de folga, e a oportunidade de se reunirem para um bom papo, samba e cerveja, surge um movimento que marca a cena cultural de Natal. A Segunda de Vagabundo leva ao bairro das Rocas um diversificado e cada vez maior universo de pessoas para se encontrarem ao redor de uma roda de samba localizado na esquina da Travessa das Donzelas.

Consolidado como um projeto musical de sucesso, a Segunda de Vagabundo traz a representatividade do povo das Rocas, bairro esse considerado berço do samba e local de nascimento de importantes mestres do carnaval, como mestres Lucarino e Melé, e de escolas de samba campeãs do carnaval de Natal: Balanço do Morro e Malandros do Samba.

Agraciado com vários prêmios, o projeto Segunda de Vagabundo foi reconhecido como patrimônio cultural imaterial de Natal. Já realizou diversas apresentações em outros espaços da cidade e até fora do Estado, como excursões em palcos cariocas. Apesar desse sucesso, mantém a essência de ser um ponto de encontro de amigos.



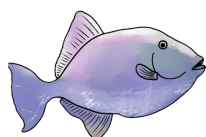


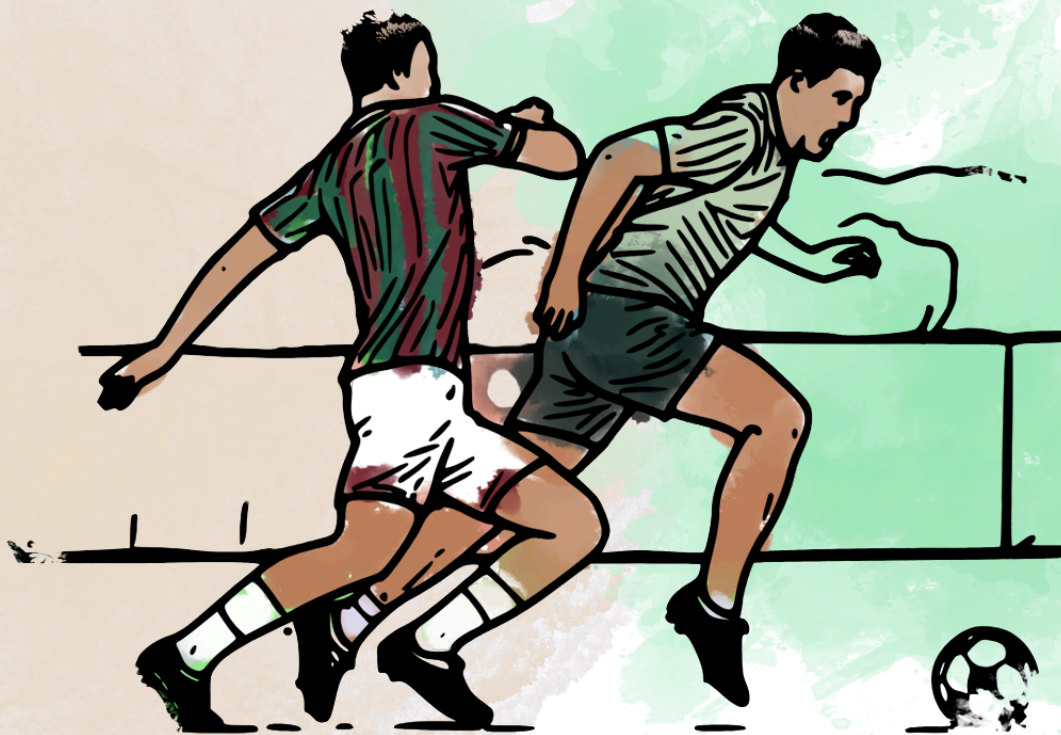
IFRN CAMPUS NATAL CENTRO HISTÓRICO (ROTUNDA)

Instalada na Travessa das Donzelas, no início do século XX, a oficina para manutenção dos trens (rotunda) da Estrada de Ferro Central Brasil, que ligava a cidade do Natal ao interior do Estado, trouxe modernização e oferta de empregos que atraíram pessoas de outros bairros e de cidades vizinhas para habitarem as Rocas.

Com a implantação do complexo ferroviário, se fez necessária a realização de melhorias na infraestrutura, como aterramento, terraplanagem e construção de moradias na parte baixa do bairro para os ferroviários. Apesar dos atrasos e contratempos, essas obras colaboraram para a expansão de residências e aumento da população do bairro.

A opção do Brasil pelo sistema rodoviário como forma de transporte para o escoamento da produção, fez com que ocorresse um gradual abandono do sistema ferroviário, chegando ao total abandono, como no caso da rotunda das Rocas. Revitalizada com a instalação de um Campus do IFRN, a rotunda voltou a ser um espaço para fomentar o desenvolvimento social e econômico das Rocas.



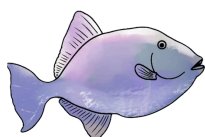


PALMEIRAS X RACING

Celeiro de craques e uma comunidade apaixonada pelo futebol, o bairro das Rocas possui uma lista de jogadores nascidos e criados nos seus campos de chão batido, areia da praia, espaços de lama e mangue. O clássico Palmeiras versus Racing por muitas décadas simbolizou e dividiu o bairro, lotava o campo do Senador João Câmara.

Lula, Wilson Baú, Albano, Saquinho, Piaba, Sérgio Poty, Cocó, Rodriguinho, Tiquinho Soares, Noronha, Erivan, Juca, Sílvio Madonna, Gilton, Tiê, Luís Oliveira, Pernambuco, Pancinha, Raimundo Menezes, Geraldo, Nitinha e Dário representam uma constelação de craques formados nos campos das Rocas.

A importância dos clubes Palmeiras e Racing para a comunidade não se restringiu aos campos de futebol. Em um bairro com precárias condições de acesso ao lazer e à cultura, esses dois clubes se transformaram por muitos anos em espaços para a realização de festas, cursos de formação, reuniões da comunidade e das famosas matinês musicais de todos os domingos. Atualmente, os clubes ainda mantêm atividades esportivas, sociais e culturais.



REFERÊNCIAS

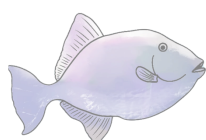
BARBOSA, Matheus; SOARES, Lenin Campos. **“Genealogia dos bairros: Rocas”**. Disponível em: <https://www.nataldasantigas.com.br/blog/a-historia-das-rocas-genealogia-dos-bairros>. Acesso em 26 de fevereiro de 2025.

HOMEM, Homero. **Cabra das Rocas**. 7. ed., São Paulo: Ática, 1980. (Coleção Vagalume).

MELO, Veríssimo de. **Xarias e canguleiros**. Natal: EDUFRN, 2018.

PEDROZA, Ciro. **Uma história das Rocas**. 2. ed., Natal: Sebo Vermelho, 2022.

PEIXOTO, Alexis Almeida. **Canguleiro: ensaio biográfico sobre Homero Homem**. Natal: Edição do autor, 2013.



ISBN: 978-65-01-80801-7

ORL



9

786501808017